



ELEIÇÕES 2012

EDUARDO NUNES  
eduardo.nunes@zerohora.com.br

3218-4390

GVT  
VOCÊ NO FUTURO, HOJE

ano  
Unimed  
Rio Grande do Sul

Leia o blog da coluna em [www.zerohora.com/urnadotempo](http://www.zerohora.com/urnadotempo) e siga @ZHPolítica no Twitter

# A eleição que não ocorreu

Esta coluna, que resgatará memórias de eleições passadas, estreia tratando de um caso de amnésia eleitoral: o misterioso sumiço dos registros das eleições municipais de 1963 no Estado.

Se procurar o Centro de Memória do TRE, o leitor será atendido por funcionários atenciosos que oferecerão atas de vários pleitos, inclusive anteriores a 1963, mas não daquele ano.

– Só sabemos que aquela eleição ocorreu porque alguém nos contou, pois não temos registros – dirá um dos servidores.

Dos mais de 180 municípios em que se dividia o RS na época, apenas cinco tiveram dados

de 1963 preservados: Casca, Caxias do Sul, Iraí, Marau e Tapejara. O coordenador de Gestão da Informação do TRE, João Antonio Friedrich, atribuiu o sumiço ao desleixo com documentos públicos que havia antes de 1988:

– Não se tinha essa preocupação com o caráter público da informação. Os cartórios faziam eleições, guardar a documentação não era obrigação.

Sereno Chaise, ao contrário do TRE, não esqueceu aquela eleição. Em 10 de novembro de 1963, o advogado, que concorria pelo PTB em Porto Alegre, recebeu mais de 100 mil votos, segundo os arquivos da imprensa, derrotando Cândido Norberto, do Movimento Trabalhista Renovador, e Sinval Guazzelli, da Ação Democrática Popular.

A disputa, lembra Sereno, foi movimentada, com até cinco minicomícios por noite. O ex-deputado Ney Ortiz Borges, que trabalhou na campanha vencedora, destaca o fortalecimento da imagem de Sereno naquele ano:

– Ele transformou-se de uma pessoa jovem em um grande líder.

Empossado prefeito em 1964, o líder foi cassado meses depois pelo regime militar. Estaria o sumiço dos registros relacionado à ditadura? Friedrich, guardião dos dados do TRE, diz que não há evidências. Mas garante que o órgão pretende, no futuro, resgatar, de uma maneira ou de outra, informações deste e de outros pleitos esquecidos.



Atas eleitorais de apenas cinco cidades foram preservadas, maior parte dos registros está em jornais



Fotógrafo lembra clima de festa em 1971



## Pouco dinheiro no Uruguai

O fotógrafo Ricardo Chaves, o Kadão, começou a conviver com a política muito cedo. Nas eleições de 1963, aos 12 anos, ajudou a carimbar o número 524 nos santinhos do pai, Hamilton Chaves, que se elegeu vereador pelo PTB.

Em 1969, depois que Hamilton já tinha sido cassado pela ditadura, Kadão começou a trabalhar como auxiliar de laboratório em ZH. Sua primeira cobertura eleitoral foi em 1971, quando atuava como fotógrafo na agência Focontexto.

Aos 20 anos, com pouco dinheiro, Kadão saiu do Brasil para registrar as eleições presidenciais uruguaias. Acostumado com a repressão política que havia no lado de cá, o jovem fotógrafo, que saía pela

primeira vez do país, se surpreendeu com a atmosfera de festa nas cidades uruguaias (foto acima).

– No Uruguai era uma alegria, cartazes do Che Guevara, gente comprando livros sobre comunismo na rua – lembra.

Hospedado em um hotel barato no centro de Montevidéu, Kadão pegava carona em carros de jornais locais para chegar aos comícios.

A efervescência política uruguia não duraria muito. O candidato da Frente Ampla, o esquerdista Liber Seregni, acabou derrotado pelo colorado Juan María Bordaberry, que, em 1973, dissolveu o parlamento, cassou partidos e instaurou mais um regime de exceção na América Latina.



Natural de Vacaria e morador da Capital desde os 15 anos, o vereador João Dib, 83 anos, está no 10º



mandato na Câmara Municipal. Nesta eleição, decidiu não concorrer mais. No seu gabinete, ele falou sobre a sua trajetória.

Urna – Como o senhor entrou para a vida pública?

Dib – Nunca pensei em ser político. Mas fui levado para Secretária de Transportes em 1956, antes de me formar em Engenharia. Me encantei com aquilo e fui fazendo. Depois, os amigos me convenceram de que deveria concorrer, porque era conhecido pelas associações de bairros e conhecia toda a cidade.

Urna – Como foi a primeira campanha?

Dib – Os amigos me levavam a reuniões para falar sobre os problemas da cidade. E eu falava disso com tranquilidade. Aí, perguntavam: “Mas o senhor não vai dizer que é candidato a vereador?” E eu não tinha coragem de dizer porque poderiam pensar que eu tinha resolvido os problemas por querer ser candidato.

ZEROHORA.COM

Em vídeo, veja João Antonio Dib falando sobre sua trajetória política.

## SOCORRO DE BRASÍLIA

# Ministério planeja federalizar Cesa

Sucateada e com a capacidade de gerar receitas inferior às dívidas, a Companhia Estadual de Silos e Armazéns (Cesa) poderá ser federalizada.

A possibilidade foi discutida ontem pelo ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro, e o secretário estadual da Agricultura, Luiz Fernando Mainardi.

Além da federalização, também é estudada a opção de o gover-

no federal, por meio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), arrendar parte das unidades da Cesa no Rio Grande do Sul. O secretário de política agrícola do Ministério da Agricultura, Caio Rocha, lembra que hoje a Conab já tem grãos como milho, soja e arroz estocados nas estruturas da Cesa, com contratos de prestação de serviço.

O arrendamento ou a federalização, diz, permitiriam ao governo federal ter a gestão dos armazéns. No

total, as unidades da estatal gaúcha somam capacidade para guardar 528 mil toneladas de grãos. Devido ao sucateamento, entretanto, as unidades não conseguem atingir o volume potencial. A intenção do governo gaúcho é repassar 15 das 22 unidades existentes no Estado.

– Temos interesse porque queremos ampliar a capacidade de armazenamento de estoques públicos. Será feita uma análise jurídica e técnica para avaliar a melhor opção

(federalização ou arrendamento). Mas temos pressa, até porque há um programa de armazenagem em andamento – diz.

Para Mainardi, o ideal seria primeiro garantir o arrendamento, uma alternativa mais ágil, e depois estudar a federalização, um passo mais complexo.

– Precisamos de receita para pagar as contas da Cesa. As dívidas trabalhistas são muito altas para as receitas – explica o secretário.



Em outubro, ZH retratou sucateamento de estatal